

Juventudes, ativismo cultural e ações comunitárias no bairro Arquipélago de Porto Alegre — RS

Resumo: A narrativa fotográfica mobiliza imagens das atividades culturais e ações comunitárias realizadas na Praça Salomão Pires, localizada no bairro Arquipélago de Porto Alegre — RS. O “Colaí — Movimento de Cultura” vem desde 2013 ocupando a praça de forma diferenciada, oportunizando acesso cultural, artístico e esportivo para os jovens habitantes locais, de modo que aqui destacamos a trajetória participativa do coletivo junto à comunidade ilhéu.

Palavras-chave: Ações comunitárias, coletivos juvenis, ativismo cultural

Youth, cultural activism and community action in Arquipelago neighborhood in Porto Alegre (Brazil)

Abstract: The photographic narrative mobilizes images of cultural activities and community actions held at Praça Salomão Pires, located in the Archipelago district of Porto Alegre — RS. The “Colaí — Movimento de Cultura” has been occupying the square in 2013 in a different way, providing cultural, artistic and sports access for young local inhabitants, so that here we highlight the collective trajectory of the collective with the islet community.

Key words: Community actions, youth groups, cultural activism



1 - Mestranda em Antropologia (PPGA/UFPB)
arianej.k@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/9633415843727376>
<https://orcid.org/0000-0002-4539-7270>

2 - Mestre em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS)
yurirapk_@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/5761459302601849>
<https://orcid.org/0000-0002-4102-1743>

“Sempre aos domingos na comunidade, na ilha da Pintada, no bairro Arquipélago, a juventude se reunia na única praça que existe. É um Arquipélago com diversas ilhas, são 5 habitadas e só existe uma praça. Daí tu imagina a situação de como é viver num lugar que não tem espaço de lazer, de encontro dessa juventude. Então aos domingos geralmente a rapaziada se encontrava na praça para tomar seu chimarrão, tocar um violão... enfim se reunir e trocar ideia.” (Ismael Franco, 35 anos)

Ismael Franco é um jovem negro, produtor cultural do Bairro Arquipélago de Porto Alegre-RS. Em dezembro de 2020, por ocasião do Podcast Papo na Rea¹, “Isma” foi o convidado de Layza Bandeira para uma conversa sobre sua trajetória enquanto ativista cultural e idealizador do “Colaí — Movimento de Cultura”, organizado a partir de interesses compartilhados entre alguns jovens da Ilha da Pintada em 2013. A primeira intenção do grupo era ocupar a Praça Salomão Pires de forma diferenciada, oportunizando acesso cultural, artístico e esportivo para os habitantes locais.

A mobilização reúne os jovens a partir de vivências cotidianas mais espontâneas, como fazer “um som” ou reunirem-se para conversar, e também com encontros temáticos, voltados à discussão de outras necessidades² que o território das ilhas carece, para além da cultura. Na atualidade, no cenário das grandes cidades, tem se ampliado a organização de movimentos do gênero, em forma de coletivos de jovens que realizam ações táticas em vista da garantia dos direitos à ocupação e apropriação dos espaços urbanos. Como aponta Glória Diógenes (2020, p. 374): “identifica-se um incremento de experiências juvenis criativas, que emergem de vivências de rua [...]”, logo, observamos que as ações protagonizadas pelo coletivo, tais como o “Colaí na praça”, “Colaí na pelada”, “Colaí no cinema” e “Colaí na Avenida”, possuem ampla adesão dos ilhéus.

O filme Ilha da Flores (1989), de Jorge Furtado, mostra algumas cenas do bairro em uma perspectiva de miserabilidade, de forma que os impactos negativos sobre a imagem local ressoam até os dias de hoje.

As reportagens da mídia também destacam as enchentes, que anualmente assolam a população local, causando inúmeros transtornos. Estes conteúdos evocam uma realidade de vulnerabilidade social da população local, que embora persista até a atualidade, não revela a extensa rede de agentes e instituições que participam de outras dinâmicas do bairro, tais como o efervescente setor cultural. Assim, além do Colaí, identificamos outras iniciativas do território: O Museu das Ilhas (instituição comunitária de memória) e o curso de Turismo Ecológico da Rede Marista — Modalidade Jovem Aprendiz — que capacita inúmeros jovens da comunidade.

Destacamos esta rede de interlocutores com a qual dialogamos desde 2015, quando planejávamos a execução do projeto “Interfaces Arquipélago: memórias, narrativas e museus”. O projeto, coordenado por Yuri Rapkiewicz, estruturou-se em uma oficina gratuita de educação patrimonial e linguagem audiovisual para adolescentes da localidade, que produziram um documentário³ e duas exposições fotográficas⁴ em colaboração com o Museu das Ilhas e o Museu Joaquim Felizardo.

Interpretar essas diferentes ações como táticas é visualizá-las como forças que vão na contramão das políticas de Estado que promovem o extermínio da população negra, parda e periférica por meio da “necropolítica” (MBEMBE, 2018). Além disso, podem ser compreendidas como ações que dialogam com as práticas da “cidadania insurgente”, conceito de James Holston (2013), mobilizado por Barbosa-Pereira (2016), ao observar os “rolezinhos” nos shoppings de São Paulo. Assim, sob a luz de Barbosa-Pereira (2016), podemos compreender que os coletivos de jovens cidadãos “reivindicam um espaço para si”, e se contrapõem ao “discurso hegemônico, ou, se não se dissociam do discurso hegemônico, ao menos, provocam ruídos nele” (p. 553).

De iniciativa que provocava ruídos à uma Organização da Sociedade Civil (OSC), agora fazendo estrondos no Arquipélago. O Colaí inaugurou, em 2018,

1 - O podcast foi um projeto incentivado no edital FAC RS DIGITAL, organizado pela FEEVALE e SEDAC-RS. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=PO9eNCqGbmQ&t=328s>

2 - O Colaí participou, inclusive, como representação do Orçamento Participativo municipal, onde foi possível pleitear a manutenção dos equipamentos e da iluminação local junto à prefeitura, além de outras pautas.

3 - Ver: <<https://www.youtube.com/watch?v=iEkehPftG1k&t=515s>> Acesso 31 de maio de 2021.

4 - Ver: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2020/01/ilhas-da-capital-sao-tema-de-exposicao-em-cartaz-no-museu-de-porto-alegre-ck5oc3yet00f201qbae0agml6.html>> Acesso 31 de maio de 2021.

sua sede própria (espaço catalisador de lazer, arte, cultura, educação e livre expressão) abrigando o cursinho gratuito de pré-vestibular “Emancipa”, democratizando o acesso à educação. Também através da biblioteca comunitária Marginal Ilha do Saber, incentiva o hábito da leitura entre os jovens. Além disso, o Colaí se aproxima de outros coletivos insurgentes em Porto Alegre (como os Poetas Vivos). Essa rede de articulação não se limita ao espaço físico da cidade, ela alcança as redes sociais.

Por causa da pandemia da Covid-19, o Colaí tem buscado realizar a distribuição de cestas básicas e promover campanhas de orientação para prevenir a disseminação da doença. O repertório de imagens e fotografias nas redes também fazem parte desse movimento de conexão de ações táticas e sociabilidades, como meio de aproximação com um amplo público, que pode acompanhar o coletivo pela internet mesmo em condições de isolamento social.

Logo, entendemos pertinente o seguinte questionamento: É possível considerar as redes sociais como espaços de intervenções e ações táticas na cidade? Neste sentido, a antropóloga Glória Diógenes (2021), nos ajuda a compreender que as redes sociais são desdobramentos das ações (e relações) da (e na) cidade e são capazes de serem concebidas como camadas da esfera social. Desse modo acreditamos que a internet se constitui como lugar significativo para a comunicação e ativismo cultural dos jovens, retificando o ciberespaço como importante campo de interlocução e pesquisa etnográfica.

Referências

BARBOSA-PEREIRA, A. Os “rolezinhos” nos centros comerciais de São Paulo: juventude, medo e preconceito. *Revista Latino-americana de Ciências Sociais, Nínez y Juventud*, 14 (1), pp. 545–557, 2016.

DIÓGENES, G. Cidade, arte e criação social: novos diagramas de culturas juvenis da periferia. *Estudos Avançados* 39(99), 2020.

HOLSTON, J. *Cidadania insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2013.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.













